

CONDICIONANTE DA IMPLANTAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NA MESORREGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ E SEU MERCADO CONSUMIDOR

Sonia Mar dos Santos MIGLIORINI

Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação
em Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR
snmiglorini@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo identificar os fatores locacionais que condicionaram a implantação da indústria de confecção na Mesorregião Sudoeste do Paraná e averiguar seu mercado consumidor. Os métodos e técnicas utilizados para desenvolver a presente pesquisa foi o preenchimento de questionário de pesquisa pelos proprietários das indústrias de confecção, orientado para a identificação das fontes das vantagens competitivas desta indústria na região de estudo, com base na bibliografia disponível sobre os condicionantes da competitividade; análise e tabulação dos dados levantados na pesquisa de campo. Como conclusão apresenta-se um conjunto de fatores existentes na Mesorregião que influenciaram na implantação e desenvolvimento da indústria de confecção na Mesorregião e constata-se que as indústrias de confecção do Sudoeste do Paraná atuam para além do mercado nacional.

PALAVRAS-CHAVE: indústria de confecção; vantagens competitivas; região Sudoeste; mercado fornecedor e consumidor.

ABSTRACT:

This article aims to identify the localized factors that conditioned the implementation of the construction industry in the southwestern Mesoregion of Paraná and ascertain the consumer markets. The methods and techniques used to develop this research was questionnaires filled out by the owners of the construction industry, directed to identifying sources of competitive advantage in this industry in the studied region, based on the available literature on the subject of competitiveness; analysis and tabulation of data collected in field research. Presenting as the conclusion a set of factors in the Mesoregion that influenced the implementation and development of the construction industry in the Mesoregion and establishes that the construction industry in southwestern Paraná extends beyond the domestic market.

KEYWORDS: competitive construction industry; advantages; Southwestern region; supplier and consumer market.

INTRODUÇÃO

A indústria de confecção, por exigir pouco nível tecnológico e pequeno investimento de capital, é um dos setores que mais cedo se desenvolveu no País e, por conta dessa característica, em muitas regiões, assim como ocorreu no início da industrialização do Brasil, essa indústria é a precursora do processo de industrialização. Nesse contexto está a Mesorregião Sudoeste do Paraná, área de estudo desta pesquisa, onde a indústria de confecção foi uma das primeiras a se desenvolver e atualmente é um dos setores industriais com maior importância econômica da Região em termos de geração de emprego e renda. Nos últimos anos, especialmente a partir da década de 1990, a indústria de confecção regional vem crescendo aceleradamente tanto em número de unidades industriais, com um crescimento de 304% entre 1990 e 2006, quanto em escala de produção e comercialização.

Este artigo tem como objetivo identificar os fatores locacionais que condicionaram a implantação da indústria de confecção na Mesorregião Sudoeste do Paraná e averiguar o mercado fornecedor e consumidor atingido por essa indústria. A metodologia utilizada para desenvolver a presente pesquisa foi o preenchimento de questionário de pesquisa pelos proprietários das indústrias de confecção, orientado para a identificação das fontes das vantagens competitivas desta indústria na região de estudo, com base na bibliografia disponível sobre os condicionantes da competitividade; análise e tabulação dos dados levantados na pesquisa de campo.

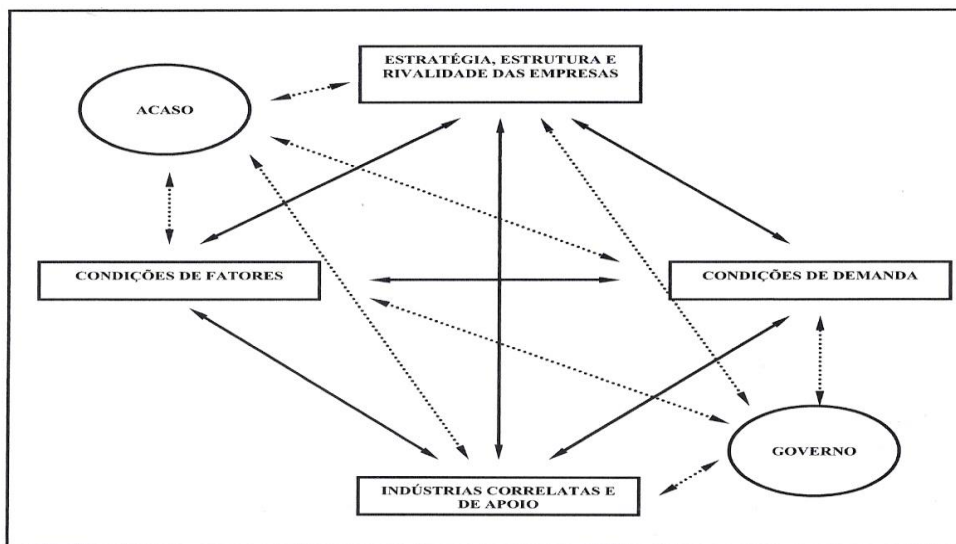
COMPETITIVIDADE SISTÊMICA: CONCEITOS E MODELOS

Desde a reestruturação produtiva, nas décadas de 70 e 80, o tema da competitividade tornou-se bastante freqüente no debate econômico. Com as transformações econômicas dos anos 80 e 90, a partir da globalização econômica, paulatinamente, a tradicional visão de competitividade foi suplantada à medida que foram ampliando-se os elementos constitutivos da capacidade de competir das nações.

Porter (1998, p. 143), após ter sistematizado os estudos de várias indústrias de dez nações diferentes, classificou quatro atributos que, individualmente ou como um sistema, constituem o diamante¹ da vantagem competitiva de uma nação, e acrescentou a esses mais

dois fatores que afetam a competitividade das indústrias, tanto de forma negativa quanto positivamente: o papel do acaso e o papel do governo, conforme a figura 1. Segundo o próprio autor, esses atributos podem ser facilmente aplicados em unidades políticas ou geográficas menores que um país, como um estado, região ou uma cidade.

Figura 1 – Determinantes da Vantagem Nacional: o sistema completo



Nota: As setas com linhas pontilhadas representam a influência de um fator sobre o outro nem sempre explícita, mas nem por isso deixa de ser relevante no desempenho competitivo das indústrias.

Fonte: PORTER, 1989, p.146.

a) Condições de Fatores – são os insumos necessários para a indústria competir. Engloba desde infraestruturas básicas até os centros de pesquisas universitárias e os recursos de capital que se resumem na capacidade econômica e garantias que um país dispõe para o financiamento e investimento nas indústrias.

b) Condições de Demanda – determina o rumo e o caráter de melhoria e inovação pelas indústrias do país.

c) Indústrias Correlatas e de Apoio – refere-se à presença, no país, de indústrias fornecedoras e de apoio² que sejam internacionalmente competitivas. Nesse atributo, a vantagem competitiva surge da estreita relação entre os fornecedores mundialmente competitivos e a indústria.

d) Estratégia, Estrutura e Rivalidade das Empresas – é o contexto no qual as firmas são criadas dentro de um país como: condições econômicas, institucionais, culturais e jurídicas de um país bem como a rivalidade das empresas.

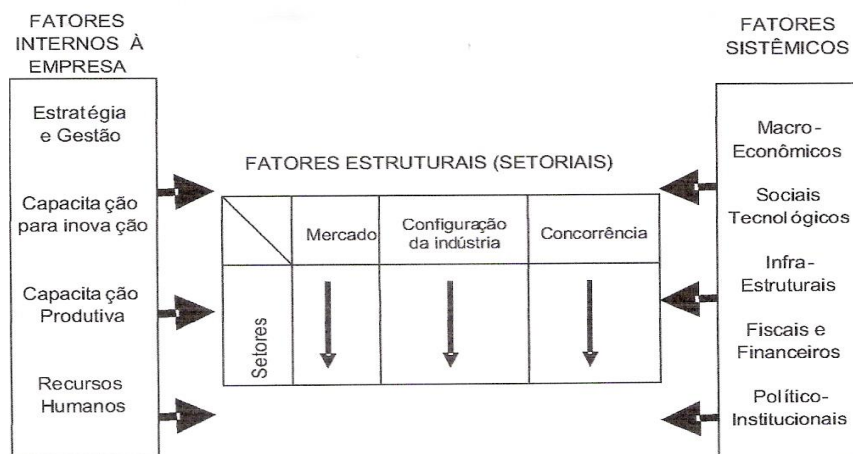
Já ao acaso são atribuídos aqueles acontecimentos puramente casuais, fortuitos, que pouco têm a ver com as circunstâncias de um país e que, em grande parte, estão fora do alcance das indústrias e até do governo nacional, mas que podem prejudicar ou beneficiar o desempenho das indústrias.

Ao governo, na concepção de Porter, cabe o papel de influenciar os quatro determinantes, através das políticas nacionais. O governo pode influenciar e ser influenciado por cada um dos quatro determinantes, positiva ou negativamente.

No Brasil, o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB), desenvolvido nos anos 90, coordenado por Luciano G. Coutinho, do Instituto de Economia da UNICAMP, e João Carlos Ferraz, do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, inclui como fator importante para a competitividade o diálogo direto entre os atores sociais: empresários, trabalhadores, autoridades governamentais, acadêmicos e servidores públicos.

Para Coutinho e Ferraz, “a competitividade pode ser vista como a produtividade das empresas ligadas à capacidade dos governos, ao comportamento da sociedade e aos recursos naturais e construídos, e aferidos por indicadores nacionais e internacionais, permitindo conquistar e assegurar fatias do mercado” (1993, p. 11). Os determinantes da competitividade sistêmica foram subdivididos, no ECIB, em três grupos, conforme mostra a figura 2.

Figura 2 – Fatores Determinantes da Competitividade da Indústria (Empresa ou Nação)



Fonte: Coutinho e Ferraz (1993, p. 21).

Fatores Internos à Empresa – são fatores que estão sob as decisões das empresas ou indústrias. Através da eficiência administrativa, as indústrias diferenciam-se de seus competidores e criam vantagens competitivas.

Fatores Estruturais – são aqueles fatores que, mesmo não sendo totalmente controlados pela indústria, estão parcialmente sob a sua área de influência e definem o ambiente competitivo enfrentado pelas indústrias.

Fatores Sistêmicos – correspondem aos fatores externos às indústrias, mas também afetam as características do ambiente competitivo e podem ser relevantes nas vantagens competitivas que as indústrias de um país possuem ou deixam de possuir em relações às suas rivais na competição internacional.

De uma maneira geral, a diferença fundamental entre os dois modelos está na maneira de conceber as políticas públicas como um dos fatores determinantes para a competitividade das indústrias ou não. O modelo do ECIB dá ênfase maior às políticas públicas como determinantes das vantagens das indústrias, enquanto o modelo de competitividade desenvolvido por Porter restringe o papel do governo apenas a influenciar os quatro atributos que determinam a competitividade em seu modelo. Os dois modelos de competitividades sistêmica aqui apresentados compreendem a competitividade como resultado da atuação conjunta de forças de mercado e forças que não estão relacionadas ao mercado e estão fora do alcance das indústrias, mas mesmo assim são fundamentais para o sucesso competitivo destas.

A análise do conjunto de fatores da competitividade sistêmica, nos mais diferentes níveis, permite que se avaliem todos os aspectos relevantes para o desenvolvimento econômico das nações através de suas indústrias, podendo-se, também, identificar os pontos fortes e fracos de determinado setor econômico ou mesmo de uma região, o que pode auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas e estratégias empresariais para o fortalecimento econômico, em escala regional, nacional ou internacional. Desta forma, como afirmam Diniz Filho e Vicentini, “o conceito de competitividade sistêmica apresenta necessariamente uma dimensão geográfica, na medida em que trata das inter-relações entre inúmeros fatores de produção que possuem expressão espacial e que ocorre em escalas variadas, que vão do regional ao global” (2004, p. 113). Assim, o conceito de competitividade sistêmica, por agrupar os fatores competitivos em diferentes níveis, foi fundamental para identificar, na

mesorregião Sudoeste, os fatores que condicionaram a implantação e o desenvolvimento da indústria de confecções bem como sua competitividade atual. Na próxima seção, analisa-se a competitividade da indústria de confecção nacional, a partir do modelo de competitividade sistêmica desenvolvida por Coutinho e Ferraz para o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira.

COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO BRASILEIRA

A indústria de confecção³ brasileira não difere das outras indústrias quanto aos fatores condicionantes de competitividade. Para levantar os fatores determinantes da competitividade do complexo têxtil e, conseqüentemente da indústria de confecção, Coutinho e Ferraz seguiram o modelo desenvolvido para o estudo da competitividade da indústria brasileira como um todo, o qual está subdividido em três grupos de condicionantes: fatores internos à empresa; fatores de natureza estrutural – pertinentes aos setores e complexos industriais - e fatores de natureza sistêmica.

Nos fatores internos à empresa, ou fatores empresariais, o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB), coordenado por Coutinho e Ferraz (1993a e 1993b), constatou que a indústria de confecção brasileira possuía uma fraca adoção de estratégias empresariais e de capacitação tecnológica e gerencial. Praticamente inexistiam processos de integração e cooperação entre as indústrias; havia grande disparidade tecnológica entre elas e a utilização de técnicas organizacionais modernas ainda era restrita no setor.

Nos fatores estruturais, o estudo do ECIB (1993a, p. 44) apontou a heterogeneidade da indústria de confecção como responsável pelos diferentes desempenhos e inserções competitivas. Apenas poucas indústrias conseguiram reunir as capacitações necessárias para uma penetração competitiva no mercado internacional, e essas são, em geral, grandes indústrias com boa atualização tecnológica e organizacional.

Entre os fatores sistêmicos que dificultavam o aumento da competitividade da indústria de confecção, no início da década de 1990, conforme o estudo do ECIB (1993a, p.

46 e 1993b, p. 40), encontrava-se a ausência de crescimento da renda nacional, uma vez que a produção era voltada fundamentalmente para o mercado interno.

Outro fator importante, que contribuía (e ainda contribui) negativamente para o aumento da competitividade do setor, é o sistema tributário, com sua complexidade e abrangência.

A alta carga tributária sobre os encargos sociais, que, segundo a ABRAVEST (2006, p. 06), chegava a 117%, é outro fator que desfavorece a competitividade do setor de confecção nacional, intensivo em mão-de-obra.

O complexo têxtil, em 1990, foi o primeiro setor produtivo a antecipar a abertura comercial. Esse processo que liberalizou as importações não teve acompanhamento de mecanismos eficazes como apoio à capacitação tecnológica e redução da carga tributária para que as indústrias brasileiras conseguissem competir de igual para igual com as indústrias estrangeiras. Segundo o SEBRAE (2006), os juros elevados, o câmbio defasado e os impostos somaram uma contra-força que desalinhou a competitividade da indústria de confecção em relação à concorrência internacional.

No entanto, a abertura de mercado com redução de alíquotas para importação de confeccionados, conforme a ABRAVEST (2006, p. 08), em alguns aspectos, foi considerado útil ao setor, levando-o ao seu reposicionamento de forma a competir com os concorrentes internacionais.

A abertura econômica do início dos anos de 1990, que provocou grande aumento das importações de produtos de confecções vindos da China e da Índia, principalmente, após meados da década, quando ocorreu o fortalecimento da moeda nacional, fez com que a indústria de confecção nacional passasse por forte reestruturação. Boa parte das indústrias que conseguiram sobreviver à abertura econômica foram modernizadas.

Outro fator relevante para a competitividade da indústria nacional, conforme a FIEMG (2006, p. 01), está na utilização de novas matérias-primas. O Brasil passou a ter acesso, com a abertura do mercado, aos mercados internacionais que fabricam tecidos modernos a preços competitivos. Porém, segundo a ABRAVEST (2006, p. 11), a subcontratação ou a terceirização da produção nas fases de costura e montagem das peças ainda continuam sendo

usada como estratégia empresarial pelas indústrias nacionais, visando principalmente contornar obrigações sociais, ou seja, essa estratégia vem sendo confundida no Brasil com informalização da mão-de-obra para diminuir custos.

A criação de marcas próprias e a formação de pólos regionais, segundo a referida fonte (2006, p. 11), atualmente, vêm sendo adotadas como estratégias empresariais para aumentar a competitividade da indústria nacional frente aos seus competidores nacionais e internacionais. Do mesmo modo, vem ocorrendo no Brasil uma realocização espacial da indústria para regiões que ofereçam mão-de-obra abundante e de menor custo, carga tributária mais baixa e incentivos fiscais.

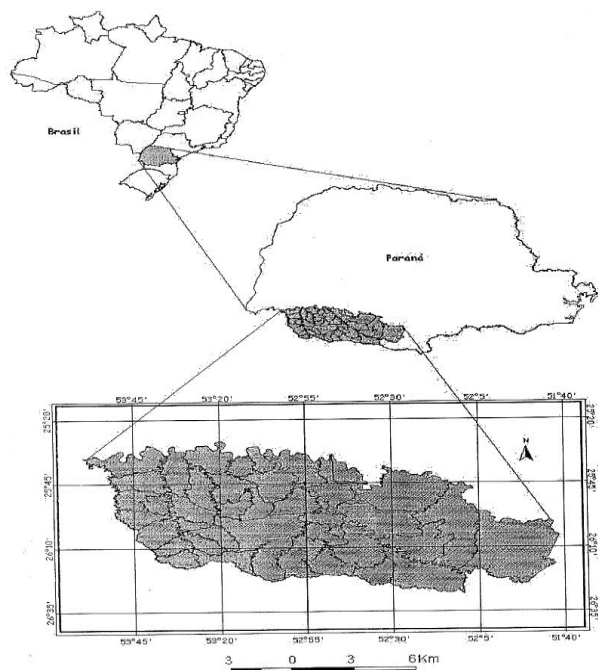
Devido a essas estratégias e à modernização de boa parte das indústrias nacionais, segundo a FIEMG (2006, p. 02), algumas indústrias passaram a exportar parte de sua produção.

Diante disso, pode-se dizer que, após o setor de confecção nacional ter enfrentado uma grave crise com a abertura da economia, medidas mais consistentes vêm sendo adotadas na tentativa de melhorar a competitividade da indústria em relação aos produtos internacionais. Afinal, cada vez mais vem ocorrendo a eliminação das barreiras mercantis entre os países, tornando os mercados mais globalizados.

FATORES COMPETITIVOS QUE MOTIVARAM A IMPLANTAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NO SUDOESTE PARANAENSE E SEU MERCADO CONSUMIDOR

A Mesorregião Sudoeste do Paraná localiza-se na região Sul do Brasil e Sudoeste do Paraná. Tendo como principais fronteiras a Argentina a Oeste e ao Sul o estado de Santa Catarina. Conforme IBGE (2007), a Mesorregião Sudoeste ocupa uma área de 11.562 km², com população, em 2007, de 476.540 habitantes, sendo 282.831 residentes na área urbana, e densidade demográfica de 40,92 hab/km². Apresentava no ano 2000, conforme dados do PNUD, IDH médio de 0,782. É composta por 37 municípios. A Figura 03 apresenta a localização da Mesorregião Sudoeste do Paraná dentro do Brasil e do Estado do Paraná.

Figura 03 – Mesorregião Sudoeste do Paraná



Elaboração: LOHMANN, M.

Fonte: IBGE, 2000/ Fortes Junior, 2005, p.100.

Dos 37 municípios que compõem a Mesorregião Sudoeste do Paraná, 25 possuem unidade industrial de confecção. As primeiras unidades industriais de confecção foram implantadas na mesorregião Sudoeste no final da década de 1970 e início da década de 1980, mas somente a partir do início dos anos de 1990 o setor teve crescimento expressivo e territorializou-se pela maioria dos municípios da região. A indústria de confecção, por exigir pouco nível tecnológico e pequeno investimento de capital, foi uma das indústrias precursoras do processo de industrialização da região Sudoeste e se tornou um dos setores mais importantes para o seu desenvolvimento econômico.

A origem da indústria de confecção na Região vem da transformação dos alfaiates, na década de 1970 e 1980, em unidades industriais. O sucesso dos primeiros empreendimentos motivou o surgimento de muitos outros que estão distribuídos pelos municípios do Sudoeste. Entre os anos 1990 e 2003, segundo o Diagnostico setorial da indústria de confecções do Sudoeste do Paraná (2004, p.03), o setor de confecção regional teve um crescimento de 157%, passando de 115 unidades industriais, em 1990, para 296 em 2003.

Em 2006, o parque industrial de confecção sudoestino (37 municípios), segundo o SINVESPAR (2006, p. 07), era composto por 378 unidades industriais, gerando aproximadamente 5.280 empregos diretos e 2.500 indiretos com uma produção estimada de 16 milhões de peças por ano.

No que se refere ao porte das indústrias tem predominância as micro e pequenas, com uma participação de 93%. As indústrias de médio porte correspondem a 6,5% e de grande porte a 0,5%.

Pesquisa do IPARDES (2004, p. 85), revela que o setor de confecção, em 2002, era o segundo setor industrial com maior participação no VAF da indústria regional, com 7,4% do total produzido, e, em 2003, o segundo maior gerador de postos de trabalho com uma participação de 23,5%, perdendo apenas para a agroindústria.

O ritmo de evolução da indústria de confecção na Região pode ser observado através de análise das datas de sua implantação apresentadas na tabela 01, tomando como base as unidades industriais constantes na amostra.

Tabela 01 – Período de Instalação das Indústrias de Confecção na Mesorregião Sudoeste do Paraná

Período	Nº de Indústrias	%
1975 – 1979	2	8
1980 – 1989	6	23
1990 – 1999	15	58
2000 - 2002	3	11
Total	26	100

Fonte: Pesquisa de Campo - 2007

Entre os componentes da amostra (26) apenas 08 unidades industriais (31%) foram implantadas entre 1975 e 1989. A grande maioria das unidades industriais (69%) foram implantadas entre 1990 e 2002. A década de 1990 foi o período em que mais foram implantadas unidades industriais de confecção na Mesorregião. Das 26 unidades em análise, 15 foram implantadas durante a década de 1990, e, destas, 09 unidades foram implantadas na primeira metade da década e 05 na segunda metade.

O aumento expressivo do número de unidades industriais de confecção no Sudoeste, durante a década de 1990, está atrelado ao próprio processo de reestruturação produtiva pelo qual passou o setor nessa década, que, induzido pela abertura comercial, fez com que as indústrias menos eficientes ou com custo de produção mais elevado falissem e, em

substituição, sugeriram dezenas de novas unidades industriais que, justamente, por serem novas, estavam mais adequadas ao contexto de maior competitividade e por isso sobreviveram à crise e se desenvolveram. A maioria das unidades industriais que compõem a amostra da pesquisa, quando iniciaram suas atividades, eram micro indústrias, mas, atualmente, 24 delas já alcançaram o porte médio e duas são de grande porte.

Os fatores que motivaram a instalação das indústrias de confecção na Mesorregião Sudoeste, tanto na década de 1990 como nas décadas anteriores e posteriores, podem ser observados na tabela 02.

Tabela 02 – Fatores que motivaram a instalação das indústrias de confecção na Mesorregião Sudoeste do Paraná.

Fatores	Nº de Indústrias	%
O Proprietário residia na região.	21	51
Disponibilidade e custo de mão-de-obra.	10	25
Doação de terrenos, barracão e incentivos fiscais.	6	15
Mão-de-obra qualificada.	2	5
Proximidade geográfica com o mercado fornecedor e consumidor.	1	2
Não respondeu.	1	2
Total*	41	100

* O total de respostas é superior ao número da amostra porque o empresário poderia apresentar mais de uma resposta.

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007.

O que mais pesou na escolha da Região Sudoeste para a instalação das unidades industriais de confecção foi o fato de o empresário residir na própria Região (51%). Essa predominância, em parte, é decorrente do perfil dos empresários da Região que, quando iniciaram suas indústrias, em sua maioria, possuíam pouco capital para investir no negócio, caracterizando uma indústria familiar voltada à sobrevivência. Na década de 1990, esse fato foi ainda mais evidente: como consequência do encerramento de centenas de postos de trabalho devido à crise, a mão-de-obra residente na Região que detinha bom conhecimento sobre o setor montou seu próprio negócio como forma de sobrevivência.

Além disso, a disponibilidade e custo da mão-de-obra e os incentivos governamentais como doação de terrenos, barracões e incentivos fiscais foram apontados por 25% e 15%,

respectivamente, do total das respostas (41) como fatores que influenciaram na escolha da Região para a instalação das indústrias.

Sobre as maiores vantagens competitivas que as indústrias de confecção encontram na Região Sudoeste em comparação a outras regiões do Estado ou do País, a importância dos incentivos governamentais ofertados na Região, o custo da mão-de-obra pago pelo setor e a disponibilidade de mão-de-obra apresentam-se como as principais vantagens competitivas que a Região Sudoeste oferece para o desenvolvimento da indústria de confecção, como mostra a tabela 03.

Tabela 03 – Maiores Vantagens Competitivas que a Indústria de Confecção encontra na Mesorregião Sudoeste em Comparação a outras Regiões do Estado ou País

Vantagens	Nº de Indústrias	%
Incentivos governamentais, como doação de terrenos e barracão e incentivos fiscais.	13	26
Mão-de-obra barata.	10	20
Mão-de-obra abundante.	8	16
Qualidade da infraestrutura local.	8	16
Mão-de-obra qualificada.	6	12
Proximidade com o mercado fornecedor.	1	2
Persistência dos empresários.	1	2
Criatividade.	1	2
Não Respondeu.	2	4
Total*	50	100

* O total de respostas é superior ao número da amostra porque o empresário poderia apresentar mais de uma resposta.

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007.

Um em cada dois dos empresários entrevistados recebeu benefícios governamentais para a implantação de sua indústria na Região, principalmente doação de terrenos e barracões. Isso evidencia um estímulo por parte do setor público para a implantação de indústrias dessa natureza na Região. Além disso, a indústria de confecção do Sudoeste do Paraná está entre as que pagam os menores salários se comparada a outras regiões do Estado e do País.

Os fatores oferta de mão-de-obra e mão-de-obra qualificada também foram citados pelos entrevistados como vantagem da região Sudoeste para o desenvolvimento da indústria de confecção, com um percentual 16% e 12% das respostas, respectivamente. Outro fator que está entre os mais citados pelos entrevistados, na tabela 03, como vantagem competitiva para a indústria de confecção na região Sudoeste é a infraestrutura local (transporte, energia,

telecomunicação), aparecendo com um percentual de importância de 16% (08 das 50) das respostas.

A consciência dos entrevistados sobre a vantagem dos salários pagos pelo setor de confecção da região Sudoeste em relação a outras regiões do Estado ou País reflete-se na avaliação feita por eles sobre o custo da mão-de-obra pago pelo setor na Região apresentado na tabela 04.

Tabela 04 – Avaliação do Custo de Mão-de-Obra paga pela Indústria de Confecção da Região Sudoeste do Paraná Comparado a outras Regiões do País, exceto Nordeste

Peso	Nº de Indústrias	%
Excelente	5	19
Bom	9	35
Razoável	9	35
Ruim	2	7
Péssimo	1	4
Total	26	100

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007.

Os que consideraram o salário pago pelo setor, na Região, como excelente e bom somam 54% dos entrevistados, o que significa que a maioria dos empresários não tem problemas de competitividade por causa dos salários. A soma dos que consideraram o custo da mão-de-obra na Região, como excelente, bom e razoável chega a 89% dos entrevistados, ou seja, apenas 11% dos entrevistados avaliaram os salários pagos, em comparação a outras regiões do Estado ou País, exceto o Nordeste, como ruim ou péssimos para a competitividade da indústria de confecção. Esse percentual diz respeito principalmente às indústrias que trabalham com enxovais para batizados ou noivas, as quais são ainda mais intensivas em mão-de-obra em função do bordado das peças.

Os fatores oferta e qualificação da mão-de-obra também foram citados pelos entrevistados como vantagem da região Sudoeste para o desenvolvimento da indústria de confecção, como foi possível observar na tabela 03. Das 50 respostas obtidas sobre as maiores vantagens competitivas que a indústria de confecção encontra na região Sudoeste em comparação a outras regiões do Estado ou País, 16% (08 dos 26 entrevistados) apontaram a abundância de oferta de mão-de-obra como uma das maiores vantagens que o setor encontra

na região Sudoeste para o seu desenvolvimento e 12% (06) das 50 respostas obtidas apontam a oferta de mão-de-obra qualificada existente como um das vantagens oferecidas pela região Sudoeste para o desenvolvimento do setor de confecção. A oferta de mão-de-obra qualificada ocorre na Região em menor nível e não privilegia todas as indústrias. O que se observou (durante a pesquisa de campo) é que a pouca mão-de-obra qualificada pelas entidades da Região, principalmente aqueles funcionários que se sobressaem durante o treinamento, são direcionados para as indústrias que têm mais “status” na Região e mais contato com os órgãos formadores da mão-de-obra. Esse fato foi motivo de queixa de vários empresários durante a pesquisa. Uma avaliação mais detalhada feita pelos entrevistados, especificamente sobre a oferta e qualificação da mão-de-obra existente na Região, pode ser observada na tabela 05.

Tabela 05 – Avaliação dos Entrevistados sobre a Oferta e Qualificação da Mão-de-Obra Disponível na Mesorregião Sudoeste do Paraná para a Indústria de Confecção

Mão-de-Obra Disponível	Nº de Entrevist.	%	Mão-de-Obra Qualificada	Nº de Entrevist.	%
Excelente	20	77	Excelente	2	8
Bom	3	11	Bom	2	8
Razoável	1	4	Razoável	3	12
Fraco	2	8	Fraco	10	38
Péssimo	0	0	Péssimo	9	34
Total	26	100	Total	26	100

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007.

Pode-se observar, na tabela 05, que há uma relação praticamente inversa quanto à mão-de-obra disponível e a mão-de-obra qualificada existente na Região. Enquanto 88% dos entrevistados avaliam a oferta de mão-de-obra existente na Região como bom e excelente, apenas 16% dos entrevistados consideraram a oferta de mão-de-obra qualificada como bom e excelente. Nenhum entrevistado avaliou a oferta de mão-de-obra existente na Região como péssimo e apenas 02 (8%) dos 26 entrevistados consideraram-na como fraca. Quanto à oferta de mão-de-obra qualificada, a soma dos entrevistados que a avaliaram como fraca e péssima foi de 72%, o que deixa claro a deficiência desse fator na Região Sudoeste e evidencia a dificuldade enfrentada pelas indústrias para a qualificação da mão-de-obra.

Quanto ao mercado consumidor das indústrias de confecção da região Sudoeste, a região Sudeste mantém maior ligação com a indústria de confecção sudoestina, conforme mostra a tabela 06.

Tabela 06 – Mercado Consumidor das Indústrias de Confecção da Mesorregião Sudoeste do Paraná

Local de Abrangência	Nº de Indústrias	%
Região Sudeste do País	14	27
Região Sul do País	12	23
Região Sudoeste	8	15
Outras regiões do País (Norte e Centro Oeste)	7	13
Estado do Paraná	6	11
Outros países	6	11
Total*	53	100

*O total de respostas é superior ao número da amostra porque o empresário poderia apresentar mais de uma resposta.

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007.

As duas regiões mais apontadas pelos entrevistados como mercado consumidor dos artigos produzidos pela indústria de confecção da região Sudoeste foi a região Sudeste, especialmente o estado de São Paulo, aparecendo com 27% das 53 respostas obtidas, e a região Sul do País, com 23% das respostas. A região Sudoeste do Paraná, ou seja, o mercado local, e o estado do Paraná, são importantes mercados consumidores dos artigos produzidos pela indústria da referida região.

As regiões Norte e Centro Oeste também são regiões importantes na comercialização dos artigos produzidos no Sudoeste, sendo apontadas por 13% das respostas que localizaram o mercado consumidor dos artigos produzidos na Região. Além do mercado nacional, das 53 respostas obtidas, 06 (ou seja, 23% das 26 indústrias selecionadas para amostra) aponta o mercado internacional como destino de parte de sua produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria de confecção da região Sudoeste experimentou forte crescimento na década de 1990 e nos primeiros anos deste novo século. Tal crescimento lhe conferiu destaque na economia sudoestina, passando a responder pela segunda posição entre os setores industriais que mais geram emprego e renda. O crescimento do setor de confecção na região

Sudoeste, de uma forma geral, pode ser considerado um fator positivo para a economia regional. Contudo, foi possível observar durante a pesquisa que a economia industrial da região está fortemente centrada em alguns poucos segmentos, caso da indústria de confecção e da indústria alimentícia, o que pode representar risco para a economia regional, especialmente no que se refere a indústria de confecção, já que uma crise nesse setor pode desestabilizar a economia do Sudoeste. Para a Região, o melhor é diversificar sua economia, uma vez que, se um setor entra em crise, outros mantêm o dinamismo econômico necessário para seu desenvolvimento.

A pesquisa de campo revelou que o fato de os empresários residirem na Região Sudoeste influenciou a escolha dessa Região para a implantação de sua indústria de confecção. Outros fatores que, sem dúvida, impulsionaram a implantação da indústria de confecção na Região Sudoeste foram a disponibilidade de mão-de-obra existente na Região e custo de mão-de-obra pago pelo setor, além dos incentivos governamentais. A mão-de-obra qualificada, embora em porcentagem bem menor, também foi apontada como fator que influenciou na escolha da Região Sudoeste para a implantação da indústria na Região. Diante disso, pode-se afirmar que a indústria de confecção encontrou na Região Sudoeste condições propícias para desenvolver-se devido à disponibilidade de fatores básicos de produção ali existentes.

Quanto ao mercado consumidor, a indústria de confecção da região Sudoeste apresenta forte diversidade em sua escala geográfica de comercialização, alcançando desde a própria região até o mercado internacional. Em escala nacional, a indústria de confecção da Região Sudoeste localiza-se um pouco distante de seu mercado comercial já que a Região apresenta mais forte ligação com a região Sudeste do País, seu principal mercado tanto fornecedor quanto consumidor.

Contudo, atualmente, observa-se na Mesorregião Sudoeste do Paraná uma contínua expansão do número de unidades industriais de confecção, assim como o crescimento das plantas industriais, o que representa que este setor está em ascensão.

NOTAS:

¹ “Diamante” é a expressão usada por Porter para referir-se aos determinantes como um sistema (1989, p. 88).

² Porter define indústrias de apoio como “aquelas em que empresas podem partilhar atividades na cadeia de valores através das indústrias (por exemplo, canais de distribuição, desenvolvimento de tecnologia) ou transferir conhecimentos protegidos pelo direito de propriedade de uma indústria para outra” (1989, p.150).

³ Nesta pesquisa quando há referência à indústria de confecção deve ficar claro que se trata da indústria de confecção de artigos do vestuário, código 18 da classificação do Código Nacional da Atividade Empresarial (CNAE), grupo 181, classificação feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE.

REFERÊNCIAS

ABRAVEST, Associação Brasileira do Vestuário. **Dados do Setor de Confeções Têxteis**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.abravest.org.br>>. Acessado em: 28/02/2006.

COUTINHO, Luciano G.; FERRAZ, João Carlos (Coord.). **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: Competitividade do complexo têxtil**. Campinas, 1993a. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em 22/02/2006.

_____. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: Competitividade da indústria do Vestuário**. Campinas, 1993b. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em 22/02/2006.

DINIZ FILHO, L. L.; VICENTINI, Y. **Teorias Espaciais Contemporâneas: o conceito de competitividade sistêmica e o paradigma da sustentabilidade ambiental**. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://www.calvados.c3sl.ufpr.br>>. Acesso em 31/01/2006.

FIEMG, Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais. **Panorama Nacional: O vestuário no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://www.fiemg.org.br>>. Acesso em 02/07/2006.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Arranjos Produtivos Locais e o novo padrão de especialização regional da indústria paranaense na década de 90**. Curitiba: IPARDES, 2003, 95p. Disponível em <<http://www.ipardes.pr.gov.br>>. Acesso em: Julho/ 2005.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Economia e Indústria na Mesorregião Sudoeste**. Curitiba: IPARDES, 2004. Disponível em <<http://www.sinvespar.com.br>>. Acesso em 10/05/2006.

PORTER, Michael E. **A Vantagem Competitiva das Nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

SEBRAE. **Ações e Principais Iniciativas de Apoio à Cadeia no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em 28/06/2006.

SINVESPAR. **APL Moda Masculina Sudoeste do Paraná: Plano de desenvolvimento o Arranjo Produtivo Local de Moda Masculina do Sudoeste do Paraná. 2006**. Disponível em <<http://www.sinvespar.com.br>>. Acesso em 21/06/2006.